

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memorian*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPeL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Descolonizar com Hélio Oiticica - Parte 1

Alexandre Sá, Instituto de Artes da UERJ+FAPERJ/

<https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>

alexandresabarroto@gmail.com

Resumo

Primeira parte de um texto de artista-pesquisador-historiador-crítico sobre as imbricadas relações descoloniais dentro do processo de construção discursiva. A obra de Hélio Oiticica surge apenas como mote para uma reflexão propositalmente vaga e poética sobre questões identitárias e seus riscos.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Hélio Oiticica. Descolonização.

Abstract

First part of an artist-researcher-historian-critic text on the imbricated decolonial relations within the process of discursive construction. The work of Hélio Oiticica appears only as a motto for a deliberately vague and poetic reflection on identity issues and their risks.

Keywords: Contemporary Art. Hélio Oiticica. Decolonisation.

“Samba, desfila com as amiga.
Que causar a gente causa
Quer sambar a gente pisa
Quer causar a gente causa
Quem olha o nosso bonde pira”
Jojo Maronttinni

Este texto nasce por um desconforto, que exatamente por ser o que é, não consegue necessariamente teorizar de onde vem, ou como nasceu, ou por onde escorre. Mas que curiosamente, durante a apresentação deste trabalho terminou sendo confirmado. Meu objeto de pesquisa são os escritos de Hélio Oiticica, tendo como recorte inicial os anos de 1964 a 1969. Este recorte histórico se dá pela instauração inicial da ditadura militar no Brasil e pelos anos que Hélio Oiticica estabelece uma relação mais forte com o Rio de Janeiro, com o samba e com a comunidade da Mangueira. Vizinha da UERJ, universidade na qual trabalho como artista, professor e pesquisador.

O desconforto acima não desapareceu e não desaparecerá na pesquisa. Depois da minha comunicação e de um caloroso debate, pude conversar um pouco com alguns pesquisadores que, me parabenizaram pela coragem e que, quando pronunciada, me colocou em uma área de dúvida, pois a qual coragem eles se referiam? A coragem vinha do tema e do artista. Hélio Oiticica. Reza uma lenda discursiva, obviamente atravessada pela moda, que Hélio Oiticica guarda algo de ultrapassado. E considerando os devires e as preocupações atuais que envolvem questões de raça e gênero, termina sendo lido como um homem branco, cis, burguês, com autonomia econômica suficiente para fazer o trânsito entre sua residência na Zona Sul do Rio de Janeiro e a comunidade da Mangueira. Talvez por isso, tenha recebido as congratulações. Por isso? E que tipo de coragem é essa que surgiu ali nos comentários dos docentes que relataram que, dependendo do caso e do curso universitário, Hélio Oiticica era um nome em suspenso?

Antes de qualquer aprofundamento do debate, é importante ressaltar que a questão da reparação histórica é urgente e inquestionável. Esta ação político-epistemológica e espera-se, prática, no cotidiano dos museus, das universidades e da vida, não é passível de questionamento. A branquitude pictórica, conceitual e histórica no Brasil, país colonial por excelência, merece ser revista em todos os aspectos e por mais que todes tentemos epicamente, jamais conseguiremos ver, vivos, a efetividade absoluta e paradoxalmente necessária de tais mudanças. Por certo, para não parecer tão radicalmente desenganado, é importante reafirmar que estamos podendo vivenciar parte de tais mudanças, como, por exemplo, o tema das mesas deste colóquio, bem

como a diversidade de seu público. Mas, considerando os séculos de apagamento e silenciamento, teremos ainda muito trabalho pela frente.

Precisei reafirmar minha postura política no parágrafo acima para que pudesse continuar com o desconforto que me assolou. Ou melhor, o estranhamento, lembrando o bom e velho Freud, que guarda consigo algo de familiar em seu cerne norteador. Claro que eu supunha existir de fato uma leitura pública enviesada do Hélio Oiticica, inclusive porque eu mesmo o fiz, nos primórdios, ao considerar, ou mesmo julgar, de maneira ingênua e preconceituosa, que um trabalho imprescindível como Parangolé, vibrava vizinho a um ready-made simbólico e nada racializado. Talvez meu julgamento tenha se dado por um rancor bem guardado e por saber que, para poder me colocar no sistema de pensamento em arte, precisei trabalhar triplamente para que conseguisse exibir competência técnica suficiente para estruturar uma carreira. E isso se deu por motivos óbvios: não ter herança, ter vindo do subúrbio do Rio de Janeiro, ser gay, preto e gordo.

Como pude, ao longo da vida, perceber que eventualmente é importante conseguir separar análise do objeto de pesquisa e pensamento crítico de parte das minhas feridas estruturais, perdoei o Hélio em mim e agora, muito tempo depois, talvez vinte anos mais tarde, assumi seu trabalho como pesquisa, interesse e algum espelhamento. Contudo, duas questões ainda precisam ser esclarecidas para nós. A primeira é que só o fato de ter podido separar a reflexão crítica da experiência traumática vivida, através da análise, já me coloca em algum lugar de privilégio. E de pessoa que não viveu na carne as violências cotidianas de um corpo preto, de um corpo trans ou de um corpo originário. Em alguns casos, sem apostar em qualquer generalidade enganosa, a vida encravada na pele é e merece ser parte da prática cotidiana em arte.

A outra questão é, embora consideravelmente polêmica, tendo sempre a acreditar que antes e acima de qualquer coisa, meu interesse é na obra do Hélio Oiticica e não necessariamente no sujeito Hélio Oiticica. Mais uma vez, tal afirmação é arriscada, principalmente em casos como este, onde a obra é conjugada ao vivido. Por outro lado, tal distinção, talvez metodológica, é importante para podermos compreender e problematizar que estamos imersos, por diversas razões, algumas mais justas que outras, em uma esfera de circulação sistêmica e crítica que, em alguns casos, pouco se interessa pelo trabalho em si. Mas que nutre sendo nutrida pelo interesse do corpo do agente-artista e de todas as marcações identitárias que o erigiram, como se isso fosse, e de fato nunca é, capaz de sublimar a perversidade inerente da lógica museológica, estrutura semanticamente frutificada em uma base colonial por excelência. Colonial, aqui não no sentido histórico de conquista de territórios e roubo de artefatos de culturas dizimadas pelas guerras. Mas museu como colonial micropolítico, no sentido

de um pensamento expositivo que desloca e diminui exponencialmente a vitalidade embutida nos objetos e na experiência. Por sua lógica expositiva, por sua existência auto afirmativa que pouco coloca em dúvida o estatuto da arte em si e pela preocupação por vezes quantitativa de seu público, em um processo que não é necessariamente imbuído de procedimentos reais e contínuos de formação. Talvez, um dos devires da própria obra de Hélio Oiticica que justifica sua importância e atualidade, seja a angústia diante da impossibilidade de fazer com que o espaço expositivo e a obra estejam vivos, numa vontade de potência que obviamente, explodiria suas paredes.

De todo modo, meu interesse pela possibilidade de descolonizar talvez tenha surgido no próprio corpo e nas minhas escolhas afetivas e referências como, por exemplo, Michel Foucault. Lembro que em uma orientação de mestrado, sugeri a leitura de determinado livro e o orientando, amigo como acho que merecemos ser, me perguntou se eu não achava que Foucault seria por demais ultrapassado atualmente. E terminou lembrando alguns adjetivos, como branco e francês. Ou mais recentemente, quando outro orientando, em seu texto inicial de mestrado, refere-se a História da Sexualidade como uma masturbação mental. As duas situações têm uma diferença temporal de talvez cinco anos, mas são sintomáticas de como estamos esquecendo que as lógicas discursivas também são atravessadas pela moda. Claro que no primeiro caso lembrei que se tratava de um autor branco, francês, gay, sadomasoquista e que morreu de Aids. Mas que talvez isso não fosse necessariamente tão importante considerando a relevância de sua obra e de um processo de pesquisa e escrita que talvez estejamos esquecendo: a possibilidade de verticalidade de um saber de si, não necessariamente fálico, que não sucumbe às boas artimanhas deambulatórias e rasas dos regimes das imagens da militância-marketing das redes sociais; embora obviamente eu compreenda que se trata de uma estrutura de formação de pensamento francês que talvez, nenhum de nós brasileiros, tenhamos podido experimentar. O que me intrigava e ainda intriga é a operação rápida e hype de demolirmos tudo, como se algumas coisas não guardassem consigo importância, profundidade, história, memória e em muitos casos, uma carga considerável de dor. E o que temos visto, em algumas esferas, é também fruto desta suposta “metodologia” de destruir aquilo que ignoramos para promovermos um certo arremedo de construção conceitual. Ou mesmo pictórica//escultórica, mas isso seria outro assunto.

Exatamente por isso me assombra, a estrutura de funcionamento que esquece determinados elementos estruturantes quando lhe é conveniente para conseguir um lugar confortável em uma estrutura de poder. Um exemplo, a pergunta: quem fala? Fiquei durante alguns muitos dias tentando entender, sem sofrimento, se o meu orientando descolonial havia esquecido de fazer a si mesmo esta pergunta por mero descuido ou

por tática inconsciente de sobrevivência-slogan. Sobrevivência esta, típica dos que, por certo, guardam algum desespero renitente de apagamento próximo inevitável e que, exatamente por isso, desconhecem as regras básicas de uma guerrilha cotidiana, ou mesmo o desejo fracassado que nutre o levante em diversos momentos da história.

Outro elemento que vagorosamente se apresentou em algumas leituras que fiz para me atualizar e obviamente, pelo interesse, é que talvez estejamos ignorando, também não sei se por esquecimento ou sobrevivência slogan, que o pensamento descolonial é fundado sobre um processo de desestruturação dos elementos que utilizamos não só para a conjunção da linguagem. É imprescindível que a prática e o pensamento também sejam desconstruídos a partir dos eixos utilizados para a sua própria formação. Se se deseja pensar e agir de forma descolonial, por exemplo, a arte contemporânea, é fundamental que ela mesma, como formação histórica, possa ser colocada à prova. Não se trata especificamente de um exercício pós-estruturalista, mas de novos tremores possíveis, na prática, da prática e na realidade concreta do mundo e das coisas que duvidem de seus elementos estruturais, bem como de seus agentes, de modo a silenciar a certeza (e sua vontade de poder).

Descolonizar é também (e merecer ser), colocar ou pelo menos tentar colocar o poder e suas lógicas em suspensão, tensionando-as, ou ousando deixar o lugar de poder vazio. Não se trata especificamente de deixá-lo vazio para que lhe tomem de assalto, mas isolá-lo como um dispositivo cênico a ser oferecido em sacrifício. Por certo seria injusto pleitear que isso fosse feito por minorias silenciadas historicamente que jamais puderam saber do que se trata o poder, embora saibamos que toda estrutura de poder é deambulatória e que ela se dá como viga inelutável das relações. Então, descolonizar não seria, exatamente por isso, uma ação fadada ao fracasso? Se o poder é constituinte das relações, como imolá-lo?

Claro que não estamos nos referindo a um processo de supressão do poder, mas de uma cena de colocá-lo em suspenso, de maneira performativa e obviamente apostando em uma possibilidade de construção coletiva aquilombada, coletiva, na e para as tribos. Por certo, também esta hipótese de supressão do poder individual guarda alguns riscos e é exatamente por isso que estamos tentando aprender outras epistemologias. O real perigo de tal proposta, considerando o Brasil, é obviamente a própria prática em seu impasse. Pela devastação da imaginação política das últimas décadas, por um sintoma assistencialista que rege grande parte do processo político, por uma cultura coronelista do latifúndio e por uma preguiça macunaímica (da qual também nutro algum apreço) para o embate político não necessariamente dicotômico. E nesse sentido, talvez seja possível lembrar que: Da adversidade, morremos.

Para a cultura de originária africana, que sofreu todos os horrores da diáspora, a morte não existe. O que faz com que alguém perca vagarosamente sua força, sua eletricidade quântica sem tempo nem espaço é a certeza. A certeza é para a cultura de Ifá, o sentimento mais útil para o apagamento e silenciamento de si. Para podermos nos manter em Irê, ou seja, em positivo, um dos primeiros passos recomendados por esta cultura milenar é assumir a dúvida como carta de navegação do desejo individual. Algo próximo do impulso que conduz Hélio Oiticica à favela da Mangueira para que, através de alguma ação descolonizada, consiga deixar de sofrer de ipanemia. O que eu te escrevo, continua...

Como citar:

SÁ, Alexandre. Descolonizar com Hélio Oiticica - Parte 1. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1005-1010, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.080>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>